

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Utopia e heterotopia [Utopia and heterotopia]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patricia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-20 14:59:31
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160306

3) Deus comunica-se numa cultura concreta, assumindo os códigos nela inscritos. Por outro lado, a Palavra tem caráter intercultural e deve ser transmitida em culturas diferentes - *evangelização das culturas* -, transfigurando-as a partir de dentro. Mas a inculturação do Evangelho não deve ser confundida com adaptação superficial ou mistura sincretista; só será um reflexo da encarnação do Verbo, quando uma cultura transformada e regenerada pelo Evangelho deixar crescer em seu próprio seio as “sementes da Palavra” e produzir na sua própria tradição expressões de vida cristã que sejam originais - não simplesmente importadas do Velho Mundo.

IHU On-Line - Destaca-se, no final, que o tempo atual urge “uma nova escuta da Palavra de Deus e [...] uma nova evangelização” (n. 122). Como o senhor analisa esse desafio no contexto atual da Igreja brasileira, “aqui e agora”?

Johan Konings - Continua necessária a *missio ad gentes*, aos que não conhecem o Evangelho de Cristo. A Igreja deve ir ao encontro de todos, com a força do Espírito, e continuar profeticamente a defender o direito e a liberdade de as pessoas escutarem a Palavra de Deus, procurando os meios mais eficazes para a proclamar, mesmo sob risco de perseguição.

Porém, há também nas regiões consideradas cristãs muitos que foram “batizados, e talvez até catequizados, mas não suficientemente evangelizados”, e que têm necessidade de um novo anúncio da Palavra de Deus. Nações outrora ricas de fé e de vocações vão perdendo a própria identidade, sob a influência de uma cultura secularizada. Daí a exigência de uma nova evangelização. Os “índios” a serem evangelizados encontram-se agora na Avenida Paulista⁷, nos Alphaville⁸...

Os horizontes imensos e a complexidade da situação presente requerem, hoje, novas modalidades para que a Palavra de Deus seja comunicada eficazmente, sob a guia do Espírito de Cristo.

⁷ A Avenida Paulista é um dos logradouros mais importantes do município de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Alphaville é um bairro nobre das cidades de Barueri e Santana de Parnaíba, pertencentes à Região Metropolitana de São Paulo, Brasil. (Nota da IHU On-Line)

“O Documento brilha pela beleza e sensibilidade de suas expressões. É preciso captar essa dimensão estética para desfrutar toda a sua riqueza”

Ora, antes de mais nada, há a relação intrínseca entre *comunicação da Palavra de Deus* e *testemunho cristão*, pois é indispensável dar credibilidade à Palavra pelo testemunho vital. O testemunho comunica a Palavra atestada nas Escrituras, e as Escrituras explicam o testemunho que os cristãos são chamados a dar com a própria vida.

E ainda, nossa responsabilidade não se limita a sugerir valores que compartilhemos; é preciso chegar ao anúncio explícito da Palavra. Não há verdadeira evangelização, se não forem proclamados o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus. A nova evangelização não se contenta, pois, com a divulgação de valores cristãos, ou com um serviço de inspiração cristã à sociedade, como fazem, por exemplo, muitas escolas ou universidades cristãs. Isso tem seu valor. Porém, o que é preciso mesmo é formar novos cristãos, que professem sua fé e pratiquem o que professam.

IHU On-Line - Como convite à leitura, que aspectos centrais o senhor destacaria no documento, para aprofundar o diálogo entre o “Deus que fala” e o homem que responde, hoje?

Johan Konings - A Exortação preocupa-se, em primeiro lugar, em orientar o destinatário da Palavra de Deus e do testemunho eclesial para o encontro pessoal com Cristo. O conhecimento da Bíblia, sem a qual não se pode conhecer Cristo, ocupa nisso um lugar central, desde que seja abordada numa perspectiva que leve Deus à fala, numa *lectio divina*.

Daí a importância da Cristologia da Palavra (nn. 11-13), ou seja, a exposi-

ção sobre a Palavra de Deus em Jesus Cristo como centro da teologia cristã, numa linguagem que ultrapassa o uso de conceitos “feitos e acabados”, mas possa evocar o acontecer da autocomunicação de Deus.

Em conexão com isso, a hermenêutica bíblico-teológica é vista como uma circularidade entre o estudo científico-crítico do verdadeiro fato histórico e a compreensão teológica que, por força de seu objeto, recorre à analogia, ao sentido ampliado ou “pleno” daquilo que é assinalado pelo sentido histórico. Sem desistir da racionalidade científica, tal hermenêutica permite conceber significações que superam a “letra”, sem se desprender dela.

Quanto à prática pastoral, deseja-se que toda a pastoral seja bíblica: se a Bíblia é o registro original e privilegiado da Palavra definitiva que Deus nos dirigiu em Jesus de Nazaré - depois de ter falado na Criação, na história do Povo de Deus e nos Profetas -, ela não pode ser confinada num setor da catequese ou da pastoral, mas deve ser a referência sempre presente de toda a pastoral. E o meio mais eficaz para isso é, certamente, a valorização da Liturgia, que toda ela é habitada pela Palavra, a ponto de se falar numa “presença real” da Palavra de Deus.

Um elemento que me agradou muito é o discreto aceno ao “belo”. A Palavra de Deus é uma palavra de amor, e toda a palavra de amor envolve aquele a quem se destina. Não é um comando, lei, receita, constato ou definição. É uma palavra que mais abre do que fecha o sentido - e estas são características da arte. A Escritura narra o acontecer do amor de Deus junto a seu povo, e somos arrastados pela beleza da narração. Representa os sentimentos do piedoso no encontro com Deus, e procuramos nos identificar com quem assim reza. Narra Deus mesmo na sua manifestação definitiva em Jesus, e contemplamos no silêncio a Palavra que as palavras só podem evocar e invocar, nunca esgotar. Aí está o “Belo”, o que supera os nossos sentidos, o que nos faz ver o Deus que ninguém jamais viu. O próprio Documento, em muitas de suas páginas, brilha pela beleza e sensibilidade de suas expressões. É preciso captar essa dimensão estética para desfrutar toda a sua riqueza.

Entrevista da Semana

Utopia e heterotopia: o projeto jesuítico nas missões

As reduções jesuíticas não foram possíveis porque Portugal e Espanha se uniram para destruir os jesuítas, afirma a filósofa Ana Luísa Janeira

POR PATRICIA FACHIN

No século XVI, os jesuítas usaram estratégias diferentes para se aproximarem das diversas culturas e difundir o cristianismo pelos cinco continentes. No oriente, a veia condutora desse processo foi o conhecimento. No ocidente, especialmente na América do Sul, o contato se deu por meio da música e das ciências da natureza. A filósofa Ana Luísa Janeira, professora associada do Departamento de Química da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, estuda a experiência realizada pelos jesuítas ao redor do mundo nos últimos mais de 400 anos. Em entrevista concedida à *IHU On-Line*, durante o XII Simpósio Internacional IHU - A experiência missioneira: território, cultura e identidade, promovido de 25 a 28-10-2010, na Unisinos, Janeira enfatiza que, apesar de os jesuítas terem sido expulsos das missões, na união de forças entre Portugal e Espanha, percebe-se, ainda hoje, “que houve uma sensibilidade tal às características dos povos que permitiu que a pedagogia e a catequética permanecessem”. Janeira conta que visitou Chiquitania, na Bolívia, e se impressionou ao ver, nos aldeamentos, “crianças indígenas de sete, oito anos, descalças, quase sem roupas e com instrumentos na mão”. Segundo ela, “eles vão à aula de música: piano, violino. Há um desajuste completo entre essa loucura de conhecimento e as condições materiais”.

Para Janeira, as missões foram uma utopia e heterotopia. “Foi utopia no sentido de estratégia, como uma tentativa de realmente projetar um sonho. Entretanto, os jesuítas missionários estabeleceram uma aproximação efetiva com as populações e inverteram a situação. (...) O afeto que os jesuítas tiveram pelas populações fez a heterotopia: era algo de coração. A razão era utópica, mas com o afeto, virou heterotopia”.

Ana Luísa Janeira é professora na Universidade de Lisboa, Portugal, doutora em Filosofia Contemporânea pela Université de Paris I, e autora de *A Energética no Pensamento de Teilhard de Chardin* (Livraria Cruz-Faculdade de Filosofia, 1978). Ela também esteve na Unisinos em 2009, participando do IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que estratégias epistemológicas os jesuítas utilizaram para se inserirem no oriente e no ocidente? A senhora pode nos contar como se deu a inserção deles na América, China, Japão e Índia e que heranças essa relação deixou nas culturas locais?

Ana Luísa Janeira - Os jesuítas tomaram como fim primeiro da sua atuação no mundo um conceito de missão que passava por mecanismos muito bem estruturados da aproximação com os povos diferentes. Naturalmente, que, no oriente e no ocidente, a situação era diferente. Quando portugueses e jesu-

ítas aproximaram a Europa do oriente, verificaram que estavam diante de civilizações e culturas com uma grande superioridade, como a China. No que diz respeito à América do Sul, a situação foi de entusiasmo pela natureza, a qual não era simplesmente bonita e diferente da que havia na Europa: ela assustava e realmente surpreendia de tal modo que os portugueses nunca deram a nenhum território o adjetivo de Éden (Paraíso). O Brasil foi o único território considerado um Éden.

A partir dessas percepções do oriente e ocidente, estabeleceram sis-

temas e programas de aproximação diferentes. Em relação ao oriente, eles tomaram consciência de que estavam diante de culturas e elites, e de que a corte dos mandarins era sábia, conhecedora e, por conseguinte, as ciências e o conhecimento poderiam ser um vínculo interessante. Por outro lado, os mandarins tinham consciência de que a presença dos jesuítas nos seus territórios deveria passar por uma questão de conhecimento. É aí que intervém a figura de Matteo Ricci¹, um

¹ Sobre Matteo Ricci, confira a edição 347, de 18-10-2010, intitulada *Matteo Ricci no Impé-*

jesuíta que observa que a questão da astronomia e da matemática era mobilizadora de uma elite chinesa importante que queria conhecer os astros, prever fenômenos e passagens de cometas. Neste contexto, estando prevista a chegada de um cometa, foi colocado à elite chinesa dos astrônomos e aos jesuítas o desafio de ver quem melhor previa a passagem do cometa. De fato coube, ao jesuíta Matteo Ricci esta primazia e isso abriu as portas da China aos jesuítas.

No caso do Japão, o país não tinha um imperador, viviam em um período de feudalismo. Então, a aproximação se deu de outra maneira. A estratégia usada para aproximar jesuítas e japoneses foi feita através da ida de príncipes e jovens japoneses à Europa. Essa viagem permitiu que os japoneses percebessem como era a corte de Madri. Surpreendentemente, eles encontraram um bom acolhimento por parte dos europeus e conheceram os costumes dessa cultura. As elites europeias também perceberam as diferenças culturais e tentaram se aproximar daquela sociedade tão diferente.

No caso do Vietnã, a aproximação se deu de uma maneira significativa e ainda hoje está presente na medida em que os vietnamitas são os únicos orientais que usam caracteres latinos para escrever. Alguns jesuítas perceberam que deveriam usar os caracteres latinos para facilitar a estrutura dos catecismos. É curioso que ainda hoje o Vietnã continua usando esses caracteres.

Ocidente

Na América do Sul, no caso dos guarani², a estratégia passou pela música e pela ciências da natureza. Os jesuítas perceberam que haviam se deparado com um território que tinha uma natureza riquíssima e a aproximação deu-se por meio de sistemas agrícolas e agropecuários. Quando vemos as boiadas gaúchas, temos de pensar que

rio do Meio. Sob o signo da amizade. Acesse no link <http://migre.me/2totl>. (Nota da IHU On-Line)

² Sobre os guarani, confira a edição *Os guarani. Palavra e caminho*, nº 331 da IHU On-Line, de 31-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/34s3h>. (Nota da IHU On-Line)

elas foram assumidas pelas reduções como um processo para alimentar os índios que estavam nas reduções e, por outro lado, para exportar para a Europa.

Percebi, quando fui a *Chiquitania*, na Bolívia, que a natureza era favorável aos aldeamentos, pois a visibilidade permitia ver povos que viviam entre si. Por exemplo, um fogo à noite permitia que os povos soubessem onde estavam e, simultaneamente, os arroios e rios permitiam o deslocamento rápido nas pirocas.

Outro elemento fortíssimo foi a música. Os jesuítas eram, particularmente, sensíveis a formas de penetração que pudessem seduzir. Constituíram, nas reduções, coros. Visitei *Chiquitania e uma das* coisas mais impressionantes foi ver, nos aldeamentos, crianças indígenas de sete, oito anos, descalças, quase sem roupas e com instrumentos na mão. Eles vão à aula de música: piano, violino. Há um desajuste completo entre essa loucura de conhecimento e as condições materiais. Quando estive em San Javier, na Bolívia, lembro de terem dito que há poucos dias, 200 jovens foram para Munique participar de um festival barroco. Todos estavam ligados à música. Sabendo que a Alemanha é tão exigente musicalmente, é espantoso.

Isso, depois de os jesuítas terem sido expulsos, é prova de que houve uma sensibilidade tal às características dos povos que permitiu que a pedagogia e a catequética permanecessem mesmo depois deles terem sido expulsos. A memória desses povos atribui o que foi dos jesuítas a eles. As comunidades não dizem: “Somos assim”. Pelo contrário, dizem: “Aprendemos com os jesuítas essas ou aquelas manifestações culturais”. Isso é muito interessante e revela que os exercícios espirituais e a *Ratio Studiorum*³ correspondem a

³ *Ratio Studiorum*: espécie de coletânea privada, fundamentada em experiências acontecidas no Colégio Romano e adicionada a observações pedagógicas de diversos outros colégios, que busca instruir rapidamente todo jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Sua forma definitiva foi promulgada em 8 de janeiro de 1599. A *Ratio* surgiu com a necessidade de unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expansão missionária. Constituiu-se numa sistemati-

dois corpos de conhecimento com uma imensa sensibilidade às características humanas e psicológicas dos indivíduos e, simultaneamente, uma capacidade de subversão muito grande que eles souberam explorar numa forma que ainda hoje vietnamitas, japoneses, bolivianos, missionários remetem para os jesuítas a raiz de determinados aspectos de sua própria cultura.

IHU On-Line - Como os diversos continentes foram compreendidos pelos jesuítas e como as culturas locais impactaram o objetivo global jesuítico: a expansão do cristianismo? Como se deu essa relação entre local e global?

Ana Luísa Janeira - Quando dizemos global, geralmente nos referimos a aspectos relacionados com a cultura dominante, que hoje é a norte-americana.

A cultura global histórica é europeia, ou seja, a cultura global do século XVI se refere à imposição que a Europa faz aos outros povos.

No que diz respeito aos jesuítas, tínhamos um europeu eurocêntrico, consciente de uma superioridade, simultaneamente, um europeu que correspondia a uma elite porque era culto, intelectualmente bem preparado, dominava a cultura humanística da época, além de conhecer diversos idiomas para se comunicar com outros povos. São logocêntricos porque acreditam muito na razão e pensam que ela é soberana.

Através das Cartas Anuais que os jesuítas enviavam para Roma e através de cartas que escreviam uns para os outros - além da preocupação que tinham em registrar tudo e constituírem um arquivo -, eles trocavam experiências e adaptavam situações. Era preciso adaptar princípios que levavam de Roma a determinadas circunstâncias porque já haviam lido outras experiências. Isso permitiu uma globalização que tinha dominância europeia.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o projeto missionário, após os 400 anos das reduções jesuíticas?

zação da pedagogia jesuítica contendo 467 regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino e recomendava que o professor nunca se afastasse em matéria filosófica de Aristóteles, e teológica de Santo Tomás de Aquino. (Nota da IHU On-Line)

Ana Luísa Janeira - Primeiro, gostaria de esclarecer o uso da palavra missionário. Não existe no dicionário português a palavra missionário e, sim, missionário. Prefiro usar a palavra missionário para tratar da presença jesuítica no mundo e, restringir a palavra missionário para se referir aos 30 povos das missões. Os 30 povos conseguiram uma realidade muito específica e complexa no conjunto da atividade missionária dos jesuítas porque se beneficiaram do fato de haver espanhóis por um lado e portugueses por outro, e de não haver uma fronteira entre Portugal e Espanha na América do Sul - já bastava a que havia na Península Ibérica. O ideal era utilizar os jesuítas como tampão para equilibrar a balança política e econômica dos ibéricos na América do Sul - temos de pensar que a dimensão territorial dos trinta povos tinha a dimensão da França atual.

Vazio: uma hipótese de controle

Fui educada na Europa, num Colégio das Irmãs Doroteias⁴. Tive sempre a sensação - quando elas contavam histórias, ao longo dos exercícios espirituais que praticávamos, dos meninos na América do Sul, ou seja, dos tupi-guarani - de que era educada como um tupi-guarani e tinha curiosidade de saber se, na Europa e no Brasil, a educação tinha sido semelhante. Essa foi a origem do meu entusiasmo por estudar essa questão, embora o grande entusiasmo tenha surgido há 10 anos, quando estudei um edifício da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, que tinha sido, primeiramente, o noviciado dos jesuítas em Lisboa, o Noviciado da Portuguesa. Estudei no edifício e comecei a achar que havia uma arquitetura muito modular usada pelos jesuítas. Então, minha curiosidade foi esta: será que o que eles fizeram para os edifícios do ponto de vista da arquitetura teve ou não semelhanças e influências com a construção dos aldeamentos indígenas? Ou seja, será que os princípios de controle dos aldeamentos foi utilizado na arquitetura urbana, também com o objetivo de controle?

⁴ Conheça mais sobre a vida de Ana Luísa Janeira no Perfil publicado na edição 311 da Revista IHU On-Line, de 19-10-2009, disponível em <http://migre.me/34sNX>. (Nota da IHU On-Line)

“Os jesuítas vieram para ficar; quando foram expulsos, deve ter sido uma tragédia para ambas as partes (jesuítas e guarani)”

Comecei a ler o livro de Antonio Sepp e a imaginar como seria o aldeamento. Conhecia bem as regras da arquitetura e achava que determinadas regras deveriam ser passadas ao urbanismo. A primeira planta das reduções que vi, me deixou confusa: achava que eu ou a planta estava errada. Curiosa, visitei as missões e cheguei à conclusão de que o claustro dos jesuítas do colégio tinha a mesma arquitetura dos aldeamentos, era a praça das reduções, e o sistema de controle era o mesmo: o vazio é sempre uma hipótese de controle. Então, no caso das reduções, as torres da Igreja controlavam o que se passava na praça. Como as casas dos índios estavam dispostas em uma forte geometria, por um lado, os torreões dos sinos, permitiriam, segundo dizem, realizar observações astronômicas, mas, também, o controle. O que Foucault diz sobre o *panóptico* também pode ser aplicado às reduções. Então, verificamos que o sistema foi montado para resultar. Os jesuítas não montam nada que não seja para resultar.

Os jesuítas vieram para ficar; quando foram expulsos, deve ter sido uma tragédia para ambas as partes (jesuítas e guarani). Os jesuítas nunca imaginaram que seriam expulsos. As reduções não foram possíveis, não porque o projeto não tivesse viabilidade, mas porque, de fato, o poder europeu ibérico não permitiu. Diria que na história de Portugal e Espanha, nunca portugueses e espanhóis estiveram tão unidos quanto para conter e destruir os jesuítas.

IHU On-Line - A experiência missionária foi uma utopia ou heterotopia? Ana Luísa Janeira - Foucault considera, dentro dos vários exemplos das

heterotopias, seja um jardim, um barco, em termos de relações coloniais, que as reduções jesuíticas do Paraguai teriam sido uma heterotopia.

Pessoalmente, diria que não é uma coisa ou outra. Acho que foram as duas coisas: foi utopia no sentido de estratégia, como uma tentativa de realmente projetar um sonho. Entretanto, os jesuítas missionários estabeleceram uma aproximação efetiva com as populações e inverteram a situação. As relações entre eles (jesuítas e guarani) não eram possíveis no contexto europeu, pois esta era uma situação de superioridade frente ao selvagem. Não era para ser amigo, pai, filho. Mas o afeto que os jesuítas tiveram pelas populações fez a heterotopia: era algo de coração. A razão era utópica, mas com o afeto virou heterotopia. Foi por isso que se tornou trágica e dramática a saída dos jesuítas, para ambos. Os guarani ficaram “sem pai”. Do ponto de vista simbólico isso é importante.

Quando estou no Rio Grande do Sul e vou às missões, tenho consciência de que os missionários são, primeiro, missionários; segundo, gaúchos; e, só em terceiro lugar, brasileiros. Eles sempre se remetem àquela realidade que existiu no Rio Grande do Sul. É muito forte o nome da província se chamar missões. A realidade das missões foi fortíssima e identitária. Os jesuítas lançaram elementos que permitem raízes identitárias, quer dos missionários, quer dos vietnamitas. Se eles queriam libertar, libertaram, porque libertaram a gente e assumiram a nossa própria identidade.

LEIA MAIS...

Ana Janeira já concedeu outras entrevistas à IHU On-Line. Acesse no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

- *Missões jesuíticas em terras não cristãs*. Entrevista publicada na edição número 313, de 03-11-2009, intitulada *Filosofia, mística e espiritualidade*. Simone Weil, cem anos. Acesse no link <http://migre.me/30gew>;

- *“A energia máxima será sempre o amor”*. Entrevista publicada na edição 316, de 23-11-2009. Acesse no link <http://migre.me/30gDT>.

Em 22-10-2010, o IHU publicou o Caderno IHU número 33 intitulado *Globalização missionária: a memória entre a Europa, a Ásia e as Américas*, de autoria de Ana Luísa Janeira. O material está disponível no link <http://migre.me/30gsZ>.